

# A CONSTITUIÇÃO DOS NARRADORES CONTRIBUINDO PARA AS DIFERENÇAS DAS OBRAS

## Autores

---

Daniele c Dos Santos Pascuali  
Josiane Maria de Souza

## 1. Introdução

---

No mundo literário, especialmente na Europa, o Movimento Romântico visou uma oposição ao “artificialismo” do Arcadismo. Foi neste período, junto a todos os acontecimentos da época, que o “eu”, o “subjetivismo”, assumiu sua força na literatura.

Em Portugal, este movimento durou, conforme Messias (1967), cerca de 40 anos. Sendo longo este período, o Romantismo não foi homogêneo, ao contrário, teve fases distintas, com produções e autores diversificados.

Mesmo obras de um mesmo autor apresentam semelhanças e diferenças, sendo que há vários motivos que as desencadeiam. A constituição do narrador é um destes motivos, pois depende dessa construção, do ponto de vista assumido, que se apresentam o enredo, o espaço, o tempo e as personagens.

## 2. Objetivos

---

Realizaremos uma leitura comparativa de dois romances enquadrados no Período Romântico Português: “Amor de Perdição” (1861) e “Amor de Salvação” (1864), ambos escritos por Camilo Castelo Branco (1825-1890), grande representante deste período; analisando como a constituição dos narradores contribui para as semelhanças, e, principalmente as diferenças das duas obras.

## 3. Desenvolvimento

---

Intencionando discorrer sobre a constituição dos narradores de “Amor de Perdição” e “Amor de Salvação”, comparamos alguns itens para compor a análise.

A princípio, nos detemos na “Introdução” de “Amor de Perdição” e, na “Observação” de “Amor de Salvação”. Como nos deparamos com uma “aparente” semelhança de constituição de ambos os narradores, determinamos alguns pontos, os quais seriam analisados por toda a obra.

style=""mso-spacerun: "> São eles: o narrador assumindo-se como autor e como personagem, o tempo em que ocorreu a história contada e a(s) voz(es) narrativa(s).

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: ">

#### 4. Resultados

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: ">Na obra “Amor de Perdição” há o respaldo em dados (reais e fictícios) para atingir a verossimilhança, além de permitir que reconhecamos o narrador como sendo o próprio autor, Camilo Castelo Branco, pois nos cita “<em style=""mso-bidi-font-style: ">os livros de antigos assentamentos, no cartório das cadeias da Relação do Porto”, onde o narrador encontra o registro de Simão Antônio Botelho.<span style=""mso-spacerun: "> Sabe-se que Simão Botelho é irmão do pai de Camilo Castelo Branco, e que na vida real este foi preso e mandado ao degredo na Índia.

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> Essa relação com os dados evidenciamos um narrador que se assume como o próprio autor e será um contador de um fato já ocorrido, por isso, onisciente da história que narra.

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> Além de narrar, ele assume a sua voz para comentar e refletir sobre os acontecimentos que está contando:

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> <em style=""mso-bidi-font-style: ">“Dezoito anos!<span style=""mso-spacerun: "> O amor naquela idade! (...) E degredado da pátria, do amor e da família! Nunca mais o céu de Portugal, nem liberdade, em irmãos, nem mãe, nem reabilitação, nem dignidade, nem um amigo!... É triste!” (p. 09)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> Esse narrador dialoga com seus leitores:

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><em style=""mso-bidi-font-style: "><span style=""mso-tab-count: "> “O leitor decerto se compungia; a leitora, se lhe dissessem em menos de uma linha a história daqueles dezoitos anos, choraria!”(p. 09)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> Em “Amor de Salvação” o narrador também se constitui como narrador-autor (já que é Camilo que assina a “Observação”), além de que o narrador faz considerações que o aproxima do autor, como o comentário sobre o cárcere, no qual Camilo Castelo Branco esteve preso por adultério:

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><em style=""mso-bidi-font-style: "><span style=""mso-tab-count: ">

style=""mso-tab-count: "> “A minha tenda são uns vinte volumes, um tinteiro de ferro e um cabo de pena de osso, que me deram noutra ponta do mundo, onde há quatro anos assentara também a minha tenda – ponto do mundo que por um singular acaso explicava ao meu sestro vagabundo: era o ano do Senhor de 1860, nos cárceres da Relação do Porto.” (p.20)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> O diálogo com o leitor também é perceptível no início e ocorrerá por toda a obra:

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><em style=""mso-bidi-font-style: ">“O leitor folheia duzentas páginas deste livro, e o amor de felicidade e bom exemplo não lhe depara,...”(p. 05)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> O narrador, além de narrar, introduz sua própria voz para refletir e comentar:

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><em style=""mso-bidi-font-style: ">“Se o leitor considera que seria curioso esquadrihar o caso, eu de mim entendo que a humanidade não ganha com isso nada, e portanto neste, e em muitos outros artigos advenientes de moral duvidosa, ponho e porei ponto, quando não seja preciso à contextura deste romance desvelar fatos censuráveis”(p. 11)<em style=""mso-bidi-font-style: ">

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><em style=""mso-bidi-font-style: "><span style=""mso-spacerun: "> “Ainda bem que as asneiras, copiadas dos romances, costumam ter, na vida real, umas saídas muito desgraçadas ou irrisórias!<span style=""mso-spacerun: "> Ainda bem, para desdouro dos livros desmoralizantes, e luzimento de outros livros de sã moral, que só fazem mal ao publicador que os não vende.”(p. 25-26)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: ">Há também por parte deste narrador o respaldo em dados e fatos, reais ou fictícios, para que possa narrar a história contada por Afonso de Teive:

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><em style=""mso-bidi-font-style: ">“Falarei, e tu ouvirás, ou dormirás.<span style=""mso-spacerun: "> Falarei do homem que conheceste em 1851, para explicar o homem de 1863.” (p.20)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> Contudo, mesmo com uma “aparente” semelhança nossos narradores são distintos e diferentes, assim como as duas obras em questão.<span style=""mso-spacerun: "> Por isso, a partir desse momento, mencionaremos e decorreremos sobre algumas diferenças na constituição e apresentação desses narradores que implicam em diferenças também nas obras.

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: ">

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: ">\* O tempo em que ocorreu a história contada

O narrador de “Amor de Perdição” conta-nos uma história sobre um fato acontecido no início do século XIX:

“Folheando os livros de antigos assentamentos, no cartório das cadeias da Relação do Porto, li, no das entradas dos presos desde 1803 a 1805,...” (p. 09)

“Em 1801, achamos Domingos José Correia Botelho de Mesquita corregedor em Viseu. (...) Simão que tem quinze anos, estuda humanidades em Coimbra.”(p. 15)

Entre a história contada e o tempo do narrador que se assume autor, se tem uma distância cronológica, por isso, os costumes e os valores sociais são diferentes. Isso é importante para que percebamos que não encontraremos neste romance, nas reflexões do narrador, críticas e ironias aos costumes e à sociedade. O “eu” do narrador emerge para comentar sobre “amor” e sobre “romance”:

“Deviam de ocorrer-lhe idéias aflitivas que os romancistas raras vezes atribuem aos seus heróis. Nos romances todas as crises se explicam, menos a crise ignóbil da falta de dinheiro.”(p.51)

“Ninguém sente em si o peso do amor que se inspira e não comparte. Nas máximas aflições, nas derradeiras horas do coração e da vida, é grato ainda sentir-se amado quem já não pode achar no amor diversão das penas, nem soldar o último fio que está se partindo.” (p.53)

Não há intuito do narrador de “Amor de Perdição” em discutir valores costumes sociais ou morais, e sim, de nos apresentar uma história de “religião do amor”, na qual a fé volta-se ao amor que quando não consumado na vida (sofrimentos, desencontros e tristezas), se busca a morte, sendo assim, neste romance Simão, Teresa e Mariana que são adeptos desta “religião” terão o desfecho trágico da morte.

Já em “Amor de Salvação” o narrador conta-nos mais de uma história, ou seja, há histórias dentro de histórias, como: a história do encontro do narrador com o amigo Afonso de Teive, a história que Afonso conta de sua vida, e a história da conclusão do romance. Contudo, todas essas histórias acontecem em períodos que vive o narrador, sendo então, que há a possibilidade de discussão e reflexão deste sobre os costumes e valores da época.

No início do romance é narrado como o narrador encontrou Afonso de Teive:

style=""mso-tab-count: "> "A pessoa, que respondeu assim à minha pergunta falou-me numa janela envidraçada, e acrescentou:"(p.08)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><em style=""mso-bidi-font-style: "><span style=""mso-tab-count: "> "- Pois, de veras, o senhor é Afonso de Teive..tus és Afonso...aquele que tinha em Lisboa." (p.09)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> Depois da história do reencontro, é que Afonso de Teive tem a chance de contar ao seu amigo sua história de amor de "maldição" e de "salvação":

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><em style=""mso-bidi-font-style: "><span style=""mso-tab-count: "> "Falarei, e tu ouvirás, ou dormirás.<span style=""mso-spacerun: "> Falarei do homem que conhecestes em 1851, para explicar o homem de 1863. (...) Não pasmará então da minha velhice precoce; ser-te-á assombro a minha vida (...) As onze horas consumiu-se de todo a vela.<span style=""mso-spacerun: "> Afonso de Teive continuou a falar as escuras.<span style=""mso-spacerun: "> Ao rasgar da manhã, abrimos as portadas, e Afonso falava ainda."(p.20)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> <em style=""mso-bidi-font-style: ">"Contou-me as suas desgraças para que eu pudesse cabalmente ajuizar da felicidade perene, que Vossa Excelência, depositária dos infinitos bens do Senhor, lhe preparou com santas lágrimas, e lhe está dando com santas alegrias."(p.106)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> Há ainda o capítulo IV que é a história da conclusão do romance colhido neste reencontro.

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><em style=""mso-bidi-font-style: "><span style=""mso-tab-count: "> "Penso que estou escrevendo as tuas palavras, ó meu amigo, redimindo as lágrimas, as ultrajes, e o desaparecimento do mundo."(p.21)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> Sendo os acontecimentos e histórias narradas pelo narrador de um período contemporâneo deste, há em "Amor de Salvação" reflexões sobre os costumes e valores da sociedade da época, além de comentários sobre romance e amor:

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><em style=""mso-bidi-font-style: ">"(...) é bom que a palavra virtude sirva de piedoso visco à liberdade de pessoas, que desejam alguma vez, ao lerem-se virtuosas, experimentar a satisfação de se verem ir à posteridade na seção do noticiário." (p. 12)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><em style=""mso-bidi-font-style: "><span style=""mso-spacerun: "> "Assim é que eu quisera que se escrevesse a história pátria com este timbre e rigor de verdade.<span style=""mso-spacerun: "> Por mingua<span style=""mso-spacerun: "> de desvelo análogos na averiguação dos fatos ...Aprendam os historiadores."(p.63)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: ">Desse primeiro ponto – a proximidade ou não da época do narrador e da história que conta – percebemos diferença nas duas obras:<span style=""mso-spacerun: "> Em “Amor de Perdição” o narrador se preocupou em narrar uma história de amor que culmina em morte, e, seus comentários referem-se ao sentimento de amor e ao romance, sendo, em sua maioria, de tom sério e reflexivo.<span style=""mso-spacerun: "> Já em “Amor de Salvação” os comentários de valores e costumes sociais, ou mesmo sobre os acontecimentos ou personagens do romance, são de cunho crítico ou irônico.

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-spacerun: ">

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: ">\* A(s) voz(es) narrativa(s):

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> Em “Amor de Perdição”, a voz narrativa é sempre em 3ª pessoa (menos quando aparece o “eu” do narrador em seus comentários), sendo que os diálogos ou as cartas representam as vozes das personagens, ou seja, quando o narrador permite que os personagens falem por si:

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><em style=""mso-bidi-font-style: ">“- Não mate o homem, Sr. João! – disse o filho do corregedor.”(p.39)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> <em style=""mso-bidi-font-style: ">“- Decerto não caso; morro, e morro contente, mas não caso.”(p.42)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> Porém, em “Amor de Salvação” há diferentes vozes narrativas, pois além dos diálogos e a presença de cartas para ceder vozes aos personagens, como em “Amor de Perdição”, o narrador ora escreve em 3ª pessoa e ora concede a voz para que o próprio Afonso de Teive conte sua história.<span style=""mso-spacerun: "> Estes momentos são marcados com “aspas” (“) no início dos períodos:

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><em style=""mso-bidi-font-style: "><span style=""mso-tab-count: "> “ ‘Ecos do mundo nenhum chega ao nosso ermo.<span style=""mso-spacerun: "> A mim, os homens que me viram, consideram-me morto uns, outros porventura me lastimam embrutecido entre os meus fraguados.”(p.104)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: ">

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: ">\* O narrador assumindo-se personagem:

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><span style=""mso-tab-count: "> Em “Amor de Salvação” acontece do narrador-autor também se assumir personagem em seu romance, já que, como já enfatizamos anteriormente, neste romance há história dentro de outras histórias, sendo que o narrador é o personagem que se encontra com Afonso de Teive para que este lhe conte a sua história:

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><em style=""mso-bidi-font-style: ">“A pessoa, que respondeu assim à minha pergunta falou-me numa janela envidraçada, e acrescentou:”(p.08)

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><em style=""mso-bidi-font-style: ">- Afonso de Teive! – exclamei eu.- Afonso de Teive... o senhor!?!<span style=""mso-spacerun: "> Essas barbas... essa nutrição...” (p.09)

<span style=""TEXT-DECORATION: ">

<span style=""TEXT-DECORATION: ">

## 5. Considerações Finais

---

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: ">Sabemos, que não esgotamos as possibilidades de leituras destas duas obras: “Amor de Perdição” e “Amor de Salvação”, contudo, percebemos que a constituição dos narradores foi crucial para a organização dos dois romances.<span style=""mso-spacerun: "> Ao compor o<span style=""mso-spacerun: "> narrador de maneiras distintas, possibilitou que o modo de condução do romance como o tempo, o enredo, as personagens e os acontecimentos fosse realizado por perspectivas diferentes, por isso,<span style=""mso-spacerun: "> fica-nos evidente que o fato de pertencer a um mesmo período, e, inclusive ser escrita por um mesmo autor, não tornam as obras inteiramente semelhantes, ao contrário, há sempre pontos, que ao analisarmos, perceberemos as peculiaridades.

## Referências Bibliográficas

---

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: ">BRANCO, Camilo Castelo. <strong style=""mso-bidi-font-weight: ">Amor de Perdição: Memórias numa família. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: ">

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: ">BRANCO, Camilo Castelo. <strong style=""mso-bidi-font-weight: ">Amor de Salvação. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: "><strong style=""mso-bidi-font-weight: ">

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: ">MOISÉS, MASSAUD. <strong style=""mso-bidi-font-weight: ">Presença da Literatura Portuguesa III: Romantismo – Realismo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

<p class=""MsoNormal"" style=""MARGIN: ">